



## FLORIANÓPOLIS: A CIDADE COMO UM PALIMPSESTO

Camila Heinz Mannes<sup>1</sup>  
Karen Christine Rechia<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa é o de caracterizar a cidade como um palimpsesto. Um palimpsesto é um pergaminho muito antigo, que depois de escrito podia ser raspado e utilizado novamente. Pesavento (2004), ao usar esta expressão, trata de uma cidade que está constantemente sendo raspada e reconstruída e que essa raspagem sempre deixa algum vestígio no pergaminho. A cidade, hoje em dia, é feita de caminhos fáceis para que o transeunte não precise prestar atenção no que está fazendo, onde está pisando. É o que Richard Sennett chama de “a privação sensorial dos novos projetos arquitetônicos” (2008) nos quais as coisas são projetadas para não nos chamar atenção e para seguirmos o caminho sem interferências do meio. Benjamin (1991), tomando a expressão de Baudelaire diz que para o flâneur a cidade se transforma em uma paisagem que é formada não somente pelo sistema sensorial do olhar, mas também o do saber, no qual é usado algo já experimentado e vivido. Isso mostra a importância do movimento de usar a memória para perceber e investigar a cidade. Dessa forma, através das leituras e da flânerie urbana, faço a escolha de um enquadramento – a Rua Menino Deus, centro de Florianópolis, SC -

---

<sup>1</sup> Aluna do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC. Bolsista PIBIC/EM. Contato: [camilaheinzca@gmail.com](mailto:camilaheinzca@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora de História do Colégio de Aplicação da UFSC. Pesquisadora e orientadora do PIBIC-EM. Contato: [krechia@gmail.com](mailto:krechia@gmail.com)

através do qual é possível capturar percepções históricas, sociais, memorialísticas, individuais e coletivas no tempo e no espaço. Deixar com que a cidade desperte em nós uma memória, transformá-la em paisagem e fazer com que as coisas sejam percebidas simultaneamente, faz parte do movimento de ver a cidade como algo próximo, onde a rua se transforma em casa, mas uma casa aberta a todos, ao cidadão, ao visitante, ao “estrangeiro”, àqueles que ainda não enxergaram a cidade com esses outros olhares.

**Palavras-chave:** Cidade; Palimpsesto; Flâneur.

Este trabalho constituiu-se numa pesquisa sobre cidades – neste caso, Florianópolis/SC – com o objetivo de investigar os lugares onde vivemos ou nos quais passamos todos os dias sem nos darmos conta do que existe ou um dia existiu ali.

Desse modo recortou-se o espaço urbano - especificamente a Rua Menino Deus - no sentido de tomá-lo tal como um palimpsesto, para perceber sua dinâmica no tempo e no espaço. Especificamente determinou-se um enquadramento a ser investigado; observou-se e registrou-se aspectos da cidade através da prática da flaneurie; pesquisou-se imagens e documentos escritos acerca do local escolhido e, por fim procurou-se compreender sua dinâmica atual através da entrevista com pessoas que moram ou circulam neste espaço.

O conceito de “palimpsesto” surgiu através da leitura da revista *Esboços* (2004), no texto da pesquisadora Sandra Jatahy Pesavento, intitulado: *Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto*. Um palimpsesto é um pergaminho muito antigo, adotado na Idade Média, que depois de escrito podia ser raspado e utilizado novamente. Em seu texto a autora trata de uma cidade que está constantemente sendo raspada e reconstruída e que essa raspagem sempre deixa algum vestígio no pergaminho, por isso se

observamos com cautela vamos descobrir um universo de história onde menos esperamos.

Cabe a nós, que a habitamos hoje, desvendar os enigmas que a nossa cidade conserva. Para que isso aconteça não basta apenas um outro olhar, é preciso às vezes ver também aquilo que não conseguimos enxergar. A cidade que investiguei evoca memória inventada, contada por alguém e também aquela da infância, por isso o olhar de um flâneur.

Flâneur é um personagem do poeta Baudelaire que o escreveu no século XIX, apresentado no livro *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*, de Walter Benjamin (1991). Na transição para o capitalismo, numa vida focada no trabalho e na pressa, o flâneur conseguia caminhar pela cidade sem ter um objetivo específico, conduzido pelas ruas observando e deixando sua memória dar sentido a tudo que via. Então, se flanando conseguimos ser conduzidos a um tempo desaparecido - que neste caso podemos relacionar com o primeiro conceito que é o do palimpsesto - deixei a rua me conduzir para que conseguisse observar o que desapareceu ou o que estava escondido.

Através de um enquadramento de um lugar da cidade, neste caso uma rua, capturou-se elementos para contar uma história ao leitor, por meio de um ponto de vista que a transforma em paisagem. Não sei se a paisagem que aprendemos nas aulas de geografia, mas uma paisagem produzida por uma anamnese, uma lembrança.

Atualmente, no mundo em que vivemos onde o que importa é o horário que se tem para chegar em algum lugar. “O que um dia existiu aqui? Para que isso servia? Qual era o significado disso para as pessoas?” Para que essas perguntas possam ser respondidas, é preciso se deixar ser conduzido pela cidade.

É importante ressaltar que não se trata de viver o tempo todo com esse olhar mas sim, de vez em quando, fazer esse exercício. Um exercício que pode ser executado por todos, pois o mais importante

dos elementos é a própria memória individual que mistura o seu/meu vivido com o vivido da cidade. Deixar que a cidade desperte em nós uma memória, transformá-la em paisagem e fazer com que as coisas sejam percebidas simultaneamente.

O palimpsesto representa um tempo desaparecido e, portanto, o uso da experiência da flânerie neste aspecto da pesquisa é muito importante, pois esta figura apresentada por Baudelaire, consegue olhar a cidade sem pressa. A cidade, hoje em dia, é feita de caminhos fáceis, maleáveis para que o transeunte não precise prestar atenção no que está fazendo, onde está pisando. É o que Richard Sennett chama de “a privação sensorial dos novos projetos arquitetônicos”(2008), cujas coisas são projetadas para não nos chamar atenção e para seguirmos o caminho sem interferências do meio.

A ideia é saber experimentar as coisas para deixar de ser um corpo tão passivo, que apenas recebe tudo que acontece a sua volta. O que se quer, ao final, é propor uma possibilidade de experimentar a cidade fora da experiência da velocidade, mesmo não sendo um exercício fácil. Um exemplo apresentado por Sennet (2008) para ilustrar a situação é uma comparação entre um cocheiro e um motorista. Na época das carroças os cocheiros deviam ficar atentos a tudo que acontecia em volta para que o percurso a ser percorrido fosse o mais tranquilo e para que acidentes não acontecessem. Hoje em dia temos um motorista que segue apenas os sinais padronizados e não precisa ver o que está ao seu redor, pois ele está apenas em um grande corredor cujo objetivo é ser atravessado.

Baudelaire (1991) diz que para o flâneur a cidade se transforma em uma paisagem que é formada não somente pelo sistema sensorial do olhar, mas também o do saber, para o qual usamos algo já experimentado e vivido. Isso mostra a importância do movimento de usar a memória para perceber e investigar a cidade. Misturar o seu vivido com o vivido da cidade. Por isso o primeiro

procedimento de pesquisa foi muito importante, pois foi o primeiro contato que tive com a cidade sendo eu mesma um flâneur, andando pela cidade e registrando minhas próprias percepções:

Continuo observando até chegar a Praça XV onde me dou conta que já é muito tarde para uma garota passar sozinha num lugar onde, como me contou o professor de história, havia uma cerca e apenas pessoas da alta sociedade podiam entrar. (MANNES, 2012, p.1)

Dessa forma, ao vagar pela cidade aconteceu comigo uma anamnese, ou seja, o despertar de uma memória, ela se torna parte de mim e eu posso habitá-la, pois a cidade se transformou em paisagem percebida em sua simultaneidade. Como disse Benjamin ao falar de Paris:

Pois assim como a flânerie pode transformar toda a Paris num interior, numa moradia cujos aposentos são os quarteirões, não divididos nitidamente por soleiras como os aposentos de verdade, por outro lado, também, a cidade pode abrir-se diante do transeunte como uma paisagem sem soleiras. (1991, p. 192).

O movimento de um flâneur na cidade assim como o da própria cidade é único e indecifrável, já o meu movimento de pesquisadora também foi único, porém não indecifrável. Para iniciar a pesquisa fiz uma experiência de campo no centro da cidade de Florianópolis/SC, onde por uma semana me coloquei como flâneur e vaguei pelo centro da cidade, esta experiência resultou em um texto que relata minhas percepções da cidade e que serviu como ponta pé inicial para eu conseguir enxergar o que eu queria fazer.

Depois de analisar o texto decidimos que queríamos fazer um relato da cidade, mas uma coisa que contemplasse diversos aspectos. Queríamos mostrar a cidade que estava ali, a que já não existia mais e até mesmo a cidade da imaginação que eu mesma inventava ou que projetava conforme alguma experiência já vivida.

Ao longo do processo de elaboração do projeto percebemos que a todo o centro da cidade seria muita coisa para se investigar, por isso decidimos que escolheríamos um enquadramento, uma rua, um canto ou uma esquina no qual eu pudesse investigar. Depois de muito debate decidimos que o local escolhido seria a Rua Menino Deus no centro da cidade, uma rua pequena em dimensões, porém complexa.

A Rua Menino Deus antigamente era composta somente pelo Hospital de Caridade no alto e por pequenas construções de arquitetura colonial onde comerciantes tinham suas lojas e residências. Circulavam por ali as freiras e os padres que cuidavam dos enfermos e dos mendigos no hospital, os escravos e pessoas que frequentavam os estabelecimentos que ali existiam.

Com o passar do tempo a pequena “Ladeira Menino Deus” como é citada no livro de Cabral (1979) foi ganhando edificações e se transformando no que é hoje, um lugar bastante movimentado. É interessante que em poucos passos percorremos toda a extensão da rua transitando entre sagrado e profano, comércio e residências.

O Hospital de Caridade permanece no alto da ladeira chamado atenção com sua cor amarela e, um pouco mais a baixo podemos encontrar ainda um outro hospital. Vemos ainda as antigas construções uma ou duas casas mais modernas e em meio a tudo isso temos um club de strip tease e uma boate GLS (gays, lésbicas e simpatizantes). Em uma rua que durante o dia circulam funcionários apressados, ambulâncias e costureiras, a noite é frequentada por carros luxuosos que procuram diversão nos casas de entretenimento noturno da rua.

Em minhas andanças pela Menino Deus reparei que conforme eu caminhava, a rua ia despertando memórias de infância, de quando minha mãe me levava para o hospital onde trabalhava, do cheiro do lixo estraçalhado pelos cachorros que ficou no chão. As lembranças somavam-se para pintar o quadro do que estava em frente aos meus olhos, assumindo outras formas.

Para encontrar as camadas da cidade-palimpsesto, pesquisei também na Casa da Memória, importante acervo da história da cidade em registros visuais, sonoros, documentais e bibliográficos. Compôs, junto com a bibliografia comentada abaixo, o conjunto da pesquisa, com exceção das entrevistas, que só puderam ser realizadas informalmente.

Assim a Rua Menino Deus tornou-se um lugar especial e que possui infinitas formas. Cada vez que fecho os olhos posso descrevê-la de uma maneira diferente o que talvez me leve a crer que em seu livro Calvino (1990) descreve apenas uma cidade, uma cidade que ele amava justamente porque em sua percepção ela podia ser mil lugares diferentes, só dependia dele colocar sobre ela um olhar, fazer um enquadramento para desvendar o movimento de um local no qual as coisas que ele descrevia eram frutos de uma memória vivida ou inventada.

A partir do movimento de ver a cidade como algo próximo, como dizia a citação anterior de Benjamin onde a rua se transforma em casa, mas uma casa aberta a todos, também se quer abrir essa cidade para o visitante, para o “estrangeiro”, aqueles que ainda não enxergaram a cidade com esses outros olhares.

### **Bibliografia comentada**

**Com os olhos no passado: a cidade como um palimpsesto, de Sandra Jatáhy Pesavento** - Este texto foi muito importante para o processo de formação e embasamento deste projeto, pois vem da

autora a ideia de enxergar a cidade como um palimpsesto, como as camadas que compõem essa pesquisa, a que está ali no dia-a-dia, a do olhar do flâneur que enxerga todos os aspectos desde físicos ou os que não são tão evidentes como o cheiro e o comportamento das pessoas e o olhar histórico, aquele que é contado pelos documentos e pelos historiadores.

**Carne e Pedra: o Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental** - de Richard Sennett: O livro de Sennett é utilizado para que possamos entender a “experiência da velocidade” vivenciada nas grandes cidades juntamente com a forma com que as mesmas são projetadas para facilitar o deslocamento do transeunte. Este livro foi muito importante para que eu conseguisse sobretudo enxergar essa velocidade que existe nas cidades e perceber que existem caminhos imperceptíveis aos quais nos acostumamos e que nos levam ao destino mais rapidamente, porque só quando estamos cientes do que está acontecendo é que podemos nos desvencilhar do que é habitual e procurar novas maneiras de fazer as coisas, neste caso novas formas de andar e enxergar a cidade.

**Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo**, de Walter Benjamin - Conceitos formulados através deste livro deram embasamento teórico e prático para essa pesquisa, primeiramente o conceito de um flâneur, que é uma pessoas que anda pela cidade sem ter um destino certo e que em seu caminho vai percebendo tudo que existe a sua volta, que foi o que eu decidi fazer enquanto explorava a cidade. Também com Benjamin fui capaz de enxergar um conceito totalmente novo para paisagem onde a mesma se constrói através do olhar onde se enquadra o vivido pelo observador e o vivido pela cidade. Através disso é que se consegue enxergar o que a cidade esconde, e quanto mais profundo for o olhar do expectador mais ele consegue enxergar.



**As Cidades Invisíveis**, de Ítalo Calvino - Calvino foi quem me deu inspiração ao descrever as cidades ou a cidade de seu livro, pode ser que sejam várias mas também pode ser que seja uma só descrita com vários enquadramentos diferentes. O que fez deste livro minha inspiração foi o fato de que ao ler consegue-se sentir a cidade, entender como é constituída e por onde as coisas passam nas cidades. É um relato prazeroso e instigante:

Somente nos relatórios de Marco Polo, Kublai Kahan conseguia discernir, através das muralhas e das torres destinadas a desmoronar, a filigrana de um desenho tão fino a ponto de evitar as mordidas dos cupins. (CALVINO,1990, p. 10)

**Nossa Senhora do Desterro: 1 Notícia**, de Oswaldo Rodrigues Cabral - Este livro é praticamente o único que relata como eram as ruas de Florianópolis, antiga Desterro no século passado. Cabral relata um pouco da dinâmica da cidade, onde estavam as construções, até onde chegava o mar, como era a rotina das pessoas nessa cidade, as separando sempre por sua classe social. Apesar de não conter textos específicos do local que escolhi para pesquisar, entender onde andavam os ricos, onde andavam os pobres e os locais que frequentavam os escravos foi de grande importância.

## **Referências**

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.  
CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro: notícia**. Florianópolis: Lunardelli 1979.

PESAVENTO, Sandra Jatahi. A cidade como palimpsesto. **Esboços: Cidade e Memória**, Florianópolis, no. 11, Pp. 25-30, 2004.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. 12º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: Memória Urbana**. Florianópolis: Ed. Franklin Cascaes, 2009.

Periódicos: **FRONTEIRAS** e **ESBOÇOS** (UFSC)